

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): FERNANDA MUNIZ VIEIRA, JOSIANE SANTOS BRANT ROCHA, BETÂNIA MARIA ARAÚJO PASSOS, MARIA ÂNGELA LOPES DUMONT MACEDO, MARIA APARECIDA PEREIRA QUEIROZ, FERNANDO GUILHERME VELOSO QUEIROZ, RENATA ROCHA RAMOS

Incontinência Urinária: estudo de prevalência de mulheres climatéricas assistidas pelas Estratégias da Saúde da Família de Montes claros/MG

Introdução

O Brasil passa por uma fase de transformação na pirâmide etária, com características semelhantes aos países europeus (VASCONCELOS; GOMES, 2012), no qual apresenta um número cada vez maior de idosos e uma redução de crianças e adolescentes, caracterizando assim, um aumento no processo progressivo de envelhecimento (ALVES; CAVENAGHI, 2012).

Ainda nesse contexto, dados do DATASUS apontam que a população feminina brasileira em 2007 totalizou mais de 98 milhões (IBGE, 2012), sendo que aproximadamente, 27 milhões se constituem na faixa etária entre 40 e 65 anos (PEREIRA; LIMA, 2015), período em que ocorre o climatério, que nos últimos anos, passou a ser estudado, devido ao aumento da expectativa de vida dessa população, uma vez que esta fase da vida compreende um período relativamente longo, representando o equivalente ao período da vida reprodutiva (MIRANDA; FERREIRA, 2014).

As alterações hormonais que surgem com o avançar da idade, sobretudo no climatério, desencadeiam uma queda hormonal, comprometendo a função do trato urinário inferior, que pode desencadear a incontinência urinária (SACOMORI; NEGRI; CARDOSO, 2013). A incontinência urinária é definida atualmente pela *International Continence Society* (ICS) como a queixa de qualquer perda involuntária de urina (ABRAMS *et al.*, 2003). É uma patologia conhecida pelo impacto negativo que causa em diferentes domínios da vida, não só em nível físico, mas também em nível psíquico, emocional e social, com custos econômicos substanciais, sendo reconhecida como uma das grandes síndromes geriátrica (FERNANDES *et al.*, 2015).

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo, avaliar a prevalência de incontinência urinária em mulheres assistidas pelas equipes da Estratégia Saúde da Família de Montes Claros (ESFs)/ MG.

Material e métodos

A. Caracterização da pesquisa e procedimento

Estudo epidemiológico do tipo analítico, transversal e quantitativo. A amostra foi composta por 874 mulheres de 40-65 anos, selecionadas por processo de amostragem probabilística, no período de agosto de 2014 a agosto de 2015, pertencentes ao município de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Após o sorteio da mulher, esta foi convidada a assinar o termo de consentimento livre e esclarecido para sua participação no estudo. Foi agendado o dia para que a mulher comparecesse a ESF para realização das avaliações antropométricas, clínicas e aplicação dos questionários.

B. Protocolos e instrumentos

Os dados foram coletados a partir de um questionário que abordava aspectos socioeconômicos (idade, situação conjugal, cor de pele, escolaridade e se trabalhava fora de casa ou não), hábitos de vida (atividade física, tabagismo e etilismo), medidas antropométricas (Índice de Massa Corporal e Circunferência Abdominal). Para a avaliação da incontinência urinária, foi utilizado o King's Health Questionary (IKHQ-SF™), instrumento validado para a realidade brasileira. A aplicação do questionário socioeconômico, hábitos de vida, incontinência urinária e a avaliação antropométrica foram realizadas por uma equipe treinada nos ESFs.

O treinamento procurou uniformizar os procedimentos para coleta de dados. Foi realizado um estudo piloto com o objetivo de padronizar e avaliar a prática dos entrevistadores e avaliar o nível de compreensão das questões utilizadas.

C. Metodologia de análise dos dados

Os dados foram tabulados no programa estatístico SPSS versão 21.0 (Statistical Package for the Social Sciences), foram feitos a análise estatística descritiva. Ao fim da análise foi construído o modelo final, sendo adotado um nível de significância de $p < 0,05$. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros com parecer nº 817.666 (CAAE 36495714.0.0000.51).



Resultados e discussão

Na amostra, verificou-se uma prevalência de IU de 22,5% (n=195) e ausência de 77,5% (n=676) (Gráfico 1). Os dados conferem que na amostra analisada, mesmo considerando que a prevalência de IU tende a aumentar no período do climatério frente à diminuição de fatores protetores, o estudo em questão mostrou que as mulheres assistidas pela Atenção Primária à Saúde, apresentam menor prevalência de incontinência urinária quando comparado com outros estudos realizados no Brasil em mulheres no climatério, como Reigota *et al.* (2016), que encontrou uma prevalência de 52,3%, e Sacomori *et al.* (2013), uma prevalência de IU de 30,7%.

Em relação à frequência de perda urinária das 195 mulheres que apresentaram IU, 36,9% relataram perder urina uma vez por semana ou menos, 16,9% perdiam duas ou três vezes durante a semana, 15,9% perdiam urina uma vez ao dia, 23,6% diversas vezes ao dia e 6,7% o tempo todo. Quanto à quantidade de perda de urina, 142 (72,8%) disseram perder uma pequena quantidade, 22 (11,3%) uma moderada quantidade e 31 (15,9%) uma grande quantidade. Esses resultados vão de encontro com o estudo de Dellu (2015), em que as mulheres relataram uma maior frequência de perda de urina de uma vez por semana ou menos (46,8%) e uma pequena quantidade (71,5%) (Tabela 1). As mulheres que vivenciam a IU imprimem em suas atitudes frente ao problema a expectativa de serem notadas pelo constrangimento de perder urina. Muitas mulheres não procuram cuidados médicos e os motivos mais frequentes é por ter vergonha, não se preocupar com o incômodo e acreditar que a IU faz parte do envelhecimento. Esses motivos justificam a demora em buscar cuidado para a IU e agravar o problema. Ainda que esta condição seja comum, intolerante e custosa entre as mulheres no climatério, sua ocorrência é frequentemente desvalorizada, principalmente quando o incômodo causado pela incontinência é considerado pequeno.

Conclusão

Dessa forma pode-se concluir que a prevalência da IU em mulheres climatéricas assistidas pela ESFs pode ser considerada baixa em comparação com outros estudos. A frequência da perda de urina encontrada foi de uma vez por semana ou menos e a perda da mesma, se classificou como pequena na maioria dos casos. Entretanto, ainda é necessário pensar em medidas profiláticas na atenção primária para o cuidado de mulheres no climatério, visto que esta fase da vida predispõe a mulher a outros agravos e patologias.

Agradecimentos

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Em especial ao grupo de pesquisa da EAD/Unimontes, pelos ensinamentos e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG, pelo apoio financeiro da iniciação científica.

Referências bibliográficas

- ABRAMS, P.; CARDOZO, L.; FALL, M.; GRIFFITHS, D.; ROSIER, P.; ULMSTEN, U. et al. The standardization of terminology of lower urinary tract function: report from the standardisation sub-committee of the International Continence Society. *NeuroUrol Urodyn.* v. 61, p. 37-49, 2003.
- ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. Transições urbanas e da fecundidade e mudanças dos arranjos familiares no Brasil. *Cadernos de Estudos Sociais.* v. 27, n. 2, 2012.
- FERNANDES, S.; COUTINHO, E. C.; DUARTE, J. C.; NELAS, P. A. B.; CHAVES, C. M. C. B.; AMARAL, O. Qualidade de vida em mulheres com Incontinência Urinária. *Revista de Enfermagem.* n. 5, p. 93-99, 2015.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio: síntese de indicadores 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- MIRANDA, J. S.; FERREIRA, M. L. S. M.; CORRENTE, J. E. Qualidade de vida em mulheres no climatério atendidas na Atenção Primária. *Rev Bras Enferm.* v. 67, n. 5, p. 803-9, 2014.
- PEREIRA, D. C. L.; LIMA, S. M. R. R. Prevalência de sobrepeso e obesidade em mulheres após a menopausa. *Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo.* v. 60, p. 1-6, 2015.
- REIGOTA, R. B.; PEDRO, A. O.; SOUZA, S. M. V.; COSTA-PAIVA, L.; PINTO-NETO, A. M. Prevalence of urinary incontinence and its association with multimorbidity in women aged 50 years or older: A population-based study. *NeuroUrology and urodynamics.* v. 35, n. 1, p. 62-68, 2016. PubMed PMID: 25358890.
- SACOMORI, C.; NEGRI, N. B.; CARDOSO, F. L. Incontinência urinária em mulheres que buscam exame preventivo de câncer de colo uterino: fatores sociodemográficos comportamentais. *Cad. Saúde Pública.* v. 29, n. 6, p. 1251-1259, 2013.
- VASCONCELOS, A. M. N.; GOMES, M. M. F. Transição demográfica: a experiência brasileira. *Epidemiol. Serv. Saúde.* v. 21, n. 4, p. 539-548, 2012.
- DELLÚ, M.C. Incontinência Urinária no climatério: prevalência, fatores associados e impacto na qualidade de vida. [Tese] São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 2015.



Gráfico 1: Prevalência de IU em mulheres no climatério assistidas pelas ESFs de Montes Claros- MG, 2014/2015.

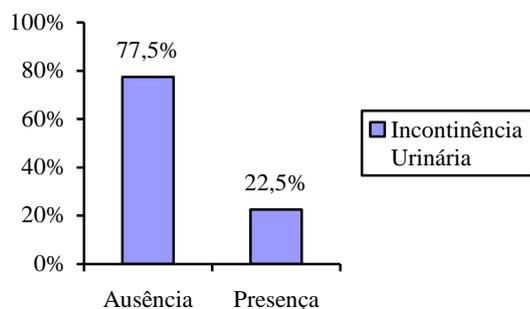


Tabela 1. Distribuição das mulheres com IU, segundo a frequência das perdas e quantidade perdida pelo ICIQ-SF, Montes Claros – MG, 2014/2015.

Incontinência Urinária		n	%*
Frequência de perda de urina	Uma vez por semana ou menos	072	36,9
	Duas ou três vezes por semana	033	16,9
	Uma vez ao dia	031	15,9
	Diversas vezes ao dia	046	23,6
	O tempo todo	013	6,7
Quantidade de perda de urina	Uma pequena quantidade	142	72,8
	Uma moderada quantidade	022	11,3
	Uma grande quantidade	031	15,9